JOHN GRISHAM

A TEMPESTADE

Tradução de
FERNANDA OLIVEIRA

BERTRAND EDITORA
Lisboa 2021

CAPÍTULO UM

A CHEGADA

1.

O furacão *Leo* ganhou vida no final de julho nas águas inquietas da parte oriental do Atlântico, cerca de duzentas milhas a oeste de Cabo Verde. Não tardou a ser detetado a partir do espaço, devidamente batizado e classificado como uma mera depressão tropical. Horas depois, tinha sido promovido a tempestade tropical.

Durante um mês, fortes ventos secos tinham varrido o deserto do Sara e colidido com as frentes húmidas ao longo do equador, criando massas de ar em rotação que se moviam para oeste, como que à procura de terra. Quando *Leo* iniciou a sua viagem, havia três tempestades já nomeadas à sua frente, numa fila temível que ameaçava as Caraíbas. Todas elas acabariam por seguir as rotas previstas e trazer chuvas torrenciais às ilhas, mas nada mais.

Mas desde o início que se percebeu que *Leo* chegaria onde ninguém previra. Era muito mais errático e mortífero. Quando finalmente se dissipou, esgotado, sobre o Midwest, foi responsabilizado por danos patrimoniais no valor de cinco mil milhões de dólares e por trinta e cinco mortes.

Porém, antes disso, não perdeu tempo com as suas classificações, progredindo rapidamente de depressão tropical para tempestade tropical e depois para um verdadeiro furacão. De categoria 3,

com ventos de 190 quilómetros por hora, atingiu em força as ilhas Turcas e Caicos, arrasando várias centenas de casas e matando dez pessoas. Passou rente a Crooked Island, fez um ligeiro desvio à esquerda e dirigiu-se para Cuba, antes de perder velocidade a sul de Andros. O seu olho enfraqueceu à medida que ia perdendo intensidade e atravessava Cuba, novamente como depressão tropical com muita chuva, mas ventos pouco expressivos. Virou para sul a tempo de inundar a Jamaica e as ilhas Caimão, e depois, num surpreendente período de doze horas, reorganizou-se com um olho perfeito e virou para norte, em direção às águas quentes e convidativas do golfo do México. Aqueles que seguiam o seu trajeto desenharam uma linha reta até Biloxi, o alvo habitual, mas por essa altura já sabiam que era melhor não fazer previsões. *Leo* parecia ter vontade própria e não encaixava nos seus modelos.

Mais uma vez, aumentou rapidamente de tamanho e ganhou velocidade, e, em menos de dois dias, tinha direito a notícia de última hora na televisão por cabo e Las Vegas estava a promover apostas sobre o local que o furacão iria atingir. Dezenas de equipas de filmagem esfuziantes correram para a zona de perigo. Foram afixados avisos desde Galveston a Pensacola. As companhias petrolíferas apressaram-se a retirar dez mil trabalhadores das plataformas do Golfo e, como sempre, aumentaram os preços só porque lhes apeteceu. Foram ativados os planos de evacuação em cinco estados. Os governadores deram conferências de imprensa. Frotas de barcos e aviões trataram de se reposicionar mais para o interior. Enquanto furacão de categoria 4 e rodando para leste e oeste ao longo de uma trajetória firmemente orientada para norte, *Leo* parecia destinado a atingir terra de forma historicamente devastadora.

E depois voltou a perder intensidade. Cerca de quinhentos quilómetros a sul de Mobile, simulou virar à esquerda, iniciou uma curva lenta para leste e enfraqueceu consideravelmente. Durante dois dias, avançou aos poucos com Tampa na mira e então voltou subitamente a ganhar vida como furacão de

categoria 1. Para variar, manteve uma trajetória em linha reta e o seu olho passou por cima de St. Petersburg com ventos de 160 quilómetros por hora. Houve fortes inundações, faltou a eletricidade, os edifícios mais precários ficaram destruídos, mas não houve vítimas mortais. Depois seguiu a Interestadual 4 e largou vinte e cinco centímetros de chuva sobre Orlando e vinte sobre Daytona Beach, antes de deixar terra firme como mais uma depressão tropical.

Os meteorologistas esgotados disseram-lhe adeus enquanto se dirigia lentamente para o Atlântico. Os seus modelos colocavam-no no mar, onde se limitaria a assustar alguns navios cargueiros.

No entanto, *Leo* tinha outros planos. A trezentos e vinte quilómetros de St. Augustine, virou para norte e ganhou intensidade à medida que o seu centro formava uma espiral cerrada pela terceira vez. Os modelos foram revistos e novos avisos foram emitidos. Durante quarenta e oito horas, *Leo* avançou com firmeza, ganhando força enquanto perscrutava a costa, como que a selecionar o seu próximo alvo.

2.

Na Bay Books de Santa Rosa, em Camino Island, os funcionários e os clientes não falavam noutra coisa que não fosse a tempestade. Na verdade, por toda a ilha, assim como desde Jacksonville, a sul, até Savannah, a norte, toda a gente observava atentamente *Leo* e falava sem parar sobre ele. Por esta altura, a maior parte das pessoas estava bem informada e podia afirmar convictamente que nenhuma praia da Florida a norte de Daytona tinha sido atingida diretamente por um furacão desde há décadas. Houvera muitos golpes de raspão, à medida que os furacões se deslocavam rapidamente para norte, em direção às Carolinas. Uma das teorias era que a corrente do Golfo, a sessenta milhas da costa, atuava como

uma barreira para proteger as praias da Florida e voltaria a fazê-lo com o maldito *Leo*. Outra teoria era que a sorte se esgotara e estava na altura do «Big One». Os modelos eram o assunto do momento. O Centro de Furacões em Miami estava agora a projetar uma trajetória que levava *Leo* mar adentro, sem atingir terra. Mas os europeus esperavam que ele chegasse à costa a sul de Savannah como furacão de categoria 4, com grandes inundações das terras baixas. Porém, se *Leo* tinha provado alguma coisa, era que não queria saber dos modelos para nada.

Bruce Cable, o proprietário da Bay Books, estava de olho no canal meteorológico enquanto despachava os clientes e ralhava com os funcionários para fazerem o que lhes competia. Não havia uma nuvem no céu e Bruce acreditava na lenda de que Camino Island era imune a furacões perigosos. Estava ali há vinte e quatro anos e nunca presenciara uma tempestade com força destruidora. A sua livraria acolhia pelo menos quatro apresentações literárias por semana e estava programada uma presença importante para a noite seguinte. Com certeza que *Leo* não iria perturbar a agradável receção que Bruce planeara para uma das suas autoras favoritas.

Mercer Mann estava a terminar uma digressão estival de dois meses que tinha sido extremamente bem-sucedida. O seu segundo romance, *Tessa*, fizera sensação no meio literário e figurava presentemente em todas as listas das dez obras mais vendidas. As críticas eram elogiosas e o livro estava a vender-se muito mais depressa do que se esperava. Rotulado de ficção literária, por contraposição a um dos géneros mais populares, parecia destinado aos últimos lugares das listas, se lá chegasse sequer. Tanto a editora como a autora tinham sonhado em vender trinta mil exemplares entre capa dura e versão digital, mas o romance já ultrapassara esses números.

Mercer tinha raízes profundas na ilha, tendo passado ali os verões da sua meninice com a avó, Tessa, que servira de inspiração ao romance. Três anos antes, passara um mês na casa de praia

da família e arranjara maneira de se envolver em sarilhos locais. Também tivera um breve namoro com Bruce, apenas mais um na longa série de aventuras amorosas do livreiro.

Contudo, Bruce não estava a pensar noutro namoro, ou pelo menos tentava convencer-se disso. Naquele momento, estava ocupado a gerir a loja e a convocar uma verdadeira multidão para o grande evento de Mercer. A Bay Books era uma peça fundamental no circuito nacional de livrarias, pois Bruce conseguia sempre reunir imensa gente e renovar o *stock*. Os editores de Nova Iorque pediam insistentemente para levar os seus escritores à ilha, muitos dos quais eram jovens do sexo feminino que andavam em digressão à procura de passar um bom bocado. Bruce adorava escritoras: oferecia-lhes de comer e beber, promovia os seus livros e divertia-se com elas.

Mercer já tinha passado por isso e não tencionava repetir, sobretudo porque nesta digressão vinha acompanhada de um novo namorado. Bruce não se importava. Estava simplesmente encantado por ela estar na ilha e pelo seu magnífico novo romance ir de vento em popa. Tinha lido as provas tipográficas seis meses antes e andava a promovê-lo desde então. Como sempre acontecia quando adorava um livro, enviara dezenas de mensagens manuscritas a amigos e clientes a elogiar *Tessa*. Telefonara a livreiros de todo o país, incitando-os a aumentarem o *stock* do romance. Conversara ao telefone com Mercer durante horas e aconselhara-a sobre os locais a incluir na digressão, os estabelecimentos a evitar, os críticos a ignorar e os jornalistas com quem devia perder algum tempo. Até lhe transmitira algumas sugestões de revisão não solicitadas, tendo ela agradecido algumas e ignorado outras.

Tessa era a rampa de lançamento de Mercer, o momento áureo da definição de uma carreira em que Bruce acreditara desde o primeiro livro, mesmo apesar de este ter sido recebido com indiferença. A verdade é que ela nunca tinha deixado de o adorar, para lá do namoro meteórico e do seu grave abuso de confiança, que

ele acabara por lhe perdoar. Bruce era um tipo amável, embora pouco escrupuloso, e uma autoridade inegável no mundo brutal da atividade livreira.

3.

No dia anterior ao evento, encontraram-se para almoçar num restaurante ao fundo da Main Street de Santa Rosa, a seis quarteirões da livraria. Para Bruce, os almoços eram sempre num restaurante da baixa, com uma ou duas garrafas de vinho e, normalmente, na companhia de um representante comercial, um escritor de visita ou um dos escritores locais que ele apoiava. Almoços de negócios, com faturas guardadas para dar ao contabilista. Chegou uns minutos mais cedo e dirigiu-se para a sua mesa favorita no terraço, com vista para o porto movimentado. Namoriscou a empregada de mesa e pediu uma garrafa de Sancerre. Quando Mercer chegou, levantou-se e abraçou-a, e depois apertou a mão com firmeza a Thomas, o atual companheiro dela.

Sentaram-se e Bruce serviu o vinho. *Leo* tinha de vir à baila na conversa, porque continuava algures por perto, mas Bruce apressou-se a dizer que não passava de uma mera distração.

— Dirige-se para Nags Head — afirmou com confiança.

Mercer estava mais bonita do que nunca, com o cabelo escuro e comprido cortado mais curto e os olhos cor de avelã a brilhar com todo o sucesso que um *bestseller* podia trazer. Sentia-se cansada de andar em digressão e radiante por tê-la acabado, mas também estava a saborear o momento.

— Trinta e quatro paragens em cinquenta e um dias — disse com um sorriso.

— Tens sorte — disse Bruce. — Como bem sabes, hoje em dia as editoras não gostam de gastar dinheiro. Estás a sair-te lindamente, Mercer! Li dezoito críticas, todas positivas menos uma.

— Viste a de Seattle?

— Esse idiota não gosta de nada. Eu conheço-o. Liguei-lhe quando vi a crítica e disse-lhe das boas.

— A sério, Bruce?

— É o meu trabalho. Eu protejo os meus autores. Se alguma vez estiver com ele, dou-lhe um soco.

Thomas riu-se.

— Dê-lhe também um por mim.

Bruce ergueu o copo.

— Vá, um brinde a *Tessa*! Número cinco na lista do *The Times* e continua a subir.

Beberam um gole de vinho para comemorar. Mercer comentou:

— Ainda custa a acreditar.

— E um novo contrato — disse Thomas, olhando-a de relance. — Podemos contar a novidade?

— Acabou de contá-la — disse Bruce. — Vamos lá ouvir isso. Quero saber os pormenores.

Mercer voltou a sorrir.

— O meu agente ligou-me esta manhã. A Viking está a oferecer uma bela soma por mais dois livros.

Bruce ergueu mais uma vez o copo.

— Espetacular! Esses tipos não são estúpidos. Parabéns, Mercer! Ótima novidade.

É claro que Bruce queria saber todos os pormenores, sobretudo o montante da «bela soma», mas fazia uma ideia. O agente de Mercer era um profissional duro de roer que conhecia bem o negócio e era capaz de negociar um contrato para dois novos livros por sete dígitos. Após anos de dificuldades, Mercer Mann estava a entrar num mundo novo.

— E os direitos de autor no estrangeiro?

— Vamos começar a vendê-los na próxima semana — respondeu ela.

Os primeiros livros de Mercer nem nos Estados Unidos tinham vendido bem. Não houvera quaisquer direitos de autor provenientes do estrangeiro.

Bruce afiançou:

— Os ingleses e os alemães vão arrebanhá-los. Os franceses e os italianos vão adorar *Tessa* quando estiver traduzido, é o tipo de história de que gostam, e será fácil negociar com eles. Quando deres por isso, vais estar traduzida em vinte línguas, Mercer. Isto é incrível!

Ela olhou para Thomas e disse:

— Estás a ver o que eu dizia? Ele sabe do assunto.

Voltaram a brindar enquanto a empregada de mesa se aproximava.

— Isto pede champanhe — anunciou Bruce, e pediu rapidamente uma garrafa antes que alguém pudesse protestar.

Fez perguntas sobre a digressão e quis saber tudo o que se tinha passado em todos os estabelecimentos que ela visitara. Conhecia praticamente todos os livreiros sérios do país e visitava o maior número possível. Para Bruce, férias era uma semana em Napa ou Santa Fé para comer e beber, mas também para procurar as melhores livrarias independentes e estabelecer contacto com os seus proprietários.

Indagou sobre a Square Books, em Oxford, uma das suas favoritas, à imagem da qual a Bay Books tinha sido criada. Atualmente, Mercer vivia em Oxford e ensinava escrita criativa na Ole Miss, um contrato de dois anos com um ainda por cumprir e a esperança de um lugar efetivo. O sucesso de *Tessa* iria ajudar a concretizar essa aspiração, pelo menos na opinião de Bruce, que já andava a planear formas de ajudar.

A empregada de mesa serviu o champanhe e anotou os pedidos. Brindaram uma vez mais ao novo contrato, enquanto o tempo parecia parar.

Thomas, que pouco mais fizera do que ouvir, comentou:

— A Mercer avisou-me de que leva os almoços consigo muito a sério.

Bruce sorriu e replicou:

— É verdade. Começo a trabalhar muito cedo e acabo muito tarde, e ao meio-dia tenho de sair da loja. É a minha desculpa. Normalmente, acabo a sesta do almoço a meio da tarde.

Mercer tinha sido reservada em relação ao novo amigo. Deixara claro que andava com alguém e que essa pessoa teria toda a sua atenção. Bruce respeitava isso e estava verdadeiramente satisfeito por ela ter encontrado um namorado fixo e, por sinal, bem-parecido. Thomas aparentava ter menos de trinta anos, um pouco mais novo do que Mercer.

Bruce começou a tentar tirar nabos da púcara.

— Ela disse-me que também é escritor.

Thomas sorriu e replicou:

— Sim, sem nada publicado. Sou um dos alunos dela no mestrado de escrita criativa.

Bruce riu-se da resposta e disse:

— Ah, estou a ver. Anda a dormir com a professora. Assim, vai conseguir notas altas.

— Vá lá, Bruce — disse Mercer, mas estava a sorrir.

— Qual é a sua formação? — perguntou Bruce.

— Sou licenciado em Literatura Americana pela Faculdade de Grinnell — respondeu Thomas. — Três anos na equipa de redação da *The Atlantic*. Trabalhos como *freelancer* para duas revistas *online*. Cerca de três dúzias de contos e dois romances medonhos, todos por publicar, naturalmente. Estou a fazer o mestrado na Ole Miss para tentar decidir o futuro. Nos últimos dois meses, tenho andado a carregar a bagagem da Mercer e a divertir-me à grande.

Mercer acrescentou:

— Guarda-costas, motorista, publicista, assistente pessoal… E escreve lindamente.

— Gostava de ver algum do seu material — disse Bruce.

Mercer olhou para Thomas.

— Eu disse-te! O Bruce está sempre desejoso de ajudar.

— Combinado — disse Thomas. — Quando tiver alguma coisa que valha a pena ler, digo-lhe.

Mercer sabia que antes de jantar Bruce iria investigar *online* e encontrar todos os artigos que Thomas escrevera para *The Atlantic*

e todas as outras publicações, e que por essa altura já teria uma opinião razoavelmente formada sobre o seu talento.

As saladas de caranguejo chegaram e Bruce deitou mais champanhe nas taças. Reparou que, até ali, os seus dois convidados tinham bebido pouco. Era um hábito de que não conseguia livrar-se. Fosse à mesa do almoço ou do jantar, ou num bar, Bruce nunca deixava de reparar nessas coisas. A maior parte das escritoras que ele recebia bebiam pouco álcool, ao passo que a maior parte dos escritores eram dados a excessos. Havia uns quantos em recuperação e, para esses, Bruce ficava-se estritamente pelo chá gelado.

Olhou para Mercer e perguntou:

— E o teu próximo romance?

— Vá lá, Bruce! Estou a viver o momento e não ando a escrever nada. Temos mais duas semanas aqui até as aulas começarem e estou decidida a não escrever uma única palavra.

— Rapariga esperta, mas não esperes demasiado. Esse contrato para dois livros vai tornar-se mais difícil com o passar dos dias. E não podes esperar três anos para publicar o próximo romance.

— Está bem, está bem — disse ela. — Mas será que posso tirar uns dias de folga?

— Uma semana, mais não. Olha, o jantar de hoje vai ser o máximo. Estás preparada?

— Claro. Vai a malta toda?

— Não iam perdê-lo por nada. A Noelle está na Europa e manda-te cumprimentos, mas os outros mal podem esperar para te ver. Leram o livro e adoraram.

— E como está o Andy?

— Continua sóbrio e, por isso, não vai estar presente. O último livro dele era bastante bom e vendeu bem. Anda a escrever muito. Hás de vê-lo por aí.

— Tenho pensado muito nele. Um amor de pessoa.

— Ele está bem, Mercer. O grupo continua unido e ansioso por um longo jantar.

4.

Thomas pediu licença para ir à casa de banho e, mal desapareceu, Bruce inclinou-se para ela e perguntou:

— Ele sabe de nós?

— De nós, o quê?

— Já te esqueceste? O fim de semana que passámos juntos. Se bem me lembro, foi maravilhoso.

— Não sei do que estás a falar, Bruce. Nunca aconteceu.

— Seja. Por mim, tudo bem. E também não sabe nada dos manuscritos?

— Que manuscritos? Essa é uma parte do meu passado que tento esquecer.

— Esplêndido. Ninguém sabe, tirando eu, tu, a Noelle e as pessoas que pagaram o resgate, é claro.

— Por mim, ninguém soube. — Ela bebeu um gole de vinho e depois foi a sua vez de se debruçar sobre ele. — Mas onde está aquele dinheiro todo, Bruce?

— Escondido em contas *offshore*, a ganhar juros. Não tenciono tocar-lhe.

— Mas é uma fortuna! Porque é que continuas a trabalhar tanto?

Um grande sorriso, um grande gole.

— Isto não é trabalho, Mercer. Isto faz parte de mim. Adoro este negócio e estaria perdido sem ele.

— O negócio continua a incluir umas incursõezinhas no mercado negro?

— É claro que não! Há demasiadas pessoas a vigiar neste momento e também já não preciso disso, como é óbvio.

— Então, entraste na linha?

— Podes crer. Adoro o mundo dos livros raros e agora ando a comprar ainda mais, tudo legal. De vez em quando, sou abordado com alguma coisa suspeita. Ainda há por aí muita ladroagem e confesso que me sinto tentado. Mas é demasiado arriscado.

— Neste momento.

— Neste momento.

Ela abanou a cabeça e sorriu.

— És um caso perdido, Bruce. Um mulherengo e um ladrão de livros sem emenda.

— É verdade, mas também hei de vender mais exemplares do teu livro do que qualquer outra pessoa. Tens de me amar, Mercer.

— Não lhe chamaria amor.

— Está bem. E que tal devoção?

— Vou experimentar. Mudando de assunto, há alguma coisa que eu deva saber em relação à noite de hoje?

— Não me parece. Toda a gente está entusiasmada com a ideia de te rever. Houve algumas perguntas quando desapareceste há três anos, mas eu encobri-te e disse que estavas a passar por um drama familiar em casa, onde quer que isso fosse. A seguir, arranjaste trabalho a dar aulas e não tinhas tido tempo para voltar à ilha.

— As mesmas personagens?

— Sim, menos a Noelle, como já disse. O Andy deve passar por lá para beber uma água e para te cumprimentar. Ele pergunta por ti. E há um escritor novo que és capaz de achar interessante. Chama-se Nelson Kerr, um antigo advogado numa grande firma em São Francisco. Denunciou um cliente, um fornecedor militar que vendia ilegalmente material de alta tecnologia aos iranianos e norte-coreanos, gente simpática como essa. Foi um grande escândalo há cerca de dez anos, mas há muito que foi esquecido.

— Porque é que eu havia de estar a par disso?

— Pois. De qualquer forma, a sua carreira ficou destruída, mas ele recebeu uma batelada pela denúncia. Agora, está mais ou menos escondido. Quarenta e poucos anos, divorciado, sem filhos, muito reservado.

— Este lugar atrai os inadaptados, não é?

— Sempre atraiu. Ele é um tipo simpático, mas pouco falador. Comprou uma bela moradia junto ao Hilton. Viaja imenso.

— E como são os livros dele?

— Escreve sobre aquilo que conhece: contrabando internacional de armas, lavagem de dinheiro. Bons *thrillers*.

— Não me soa nada bem. E vende alguma coisa?

— Assim-assim, mas tem potencial. Não vais gostar dos livros, mas é provável que gostes dele.

Thomas voltou e a conversa passou para o escândalo editorial mais recente.

5.

Bruce morava numa mansão vitoriana a dez minutos a pé da Bay Books. Após a sesta obrigatória no escritório da loja, saiu a meio da tarde e fez o caminho até casa para se preparar para o jantar. Mesmo em pleno verão, preferia dar os seus jantares chiques no grande alpendre, debaixo de duas ventoinhas velhas e barulhentas e perto de uma fonte gorgolejante. Os seus pratos favoritos eram do sul da Luisiana e, para aquela noite, tinha contratado o *chef* Claude, um *cajun* genuíno que vivia na ilha há trinta anos. Ele já estava na cozinha, a assobiar enquanto vigiava um grande tacho de cobre que estava ao lume. Trocaram gracejos por instantes, mas Bruce sabia que era melhor não ficar por perto. O *chef* era um grande conversador e, quando se lançava nas suas arengas, esquecia-se muitas vezes da comida.

A temperatura andava pelos trinta e poucos graus e Bruce subiu para trocar de roupa. Tirou o fato às risquinhas e o laço que usava durante o dia, e vestiu uns calções largos e uma *t-shirt,* sem sapatos. De volta à cozinha, abriu duas garrafas de cerveja geladas, deu uma ao *chef* e levou a outra para o alpendre, onde começou a pôr a mesa.

Em momentos como aquele, sentia mesmo a falta de Noelle. Ela importava antiguidades do sul de França e era uma decoradora exímia. A sua tarefa favorita era preparar uma mesa para um jantar festivo. A sua coleção de porcelana, copos e talheres antigos era espantosa e continuava a crescer. Comprava algumas dessas coisas para fornecer a sua loja, mas as mais raras e belas guardava para uso particular deles. Na opinião de Noelle, uma mesa magnífica era um presente para os seus convidados, e ninguém sabia fazê-lo como ela. Muitas vezes, fotografava-se a si e a ele juntos à mesa, antes e durante os jantares. A seguir, emoldurava as melhores imagens e pendurava-as para os seus clientes admirarem.

A mesa tinha dois metros e meio de comprido e estivera a uso durante séculos numa adega, no Languedoque. Tinham-na descoberto um ano antes, quando andaram um mês inteiro às compras. Cheios de dinheiro ganho de forma ilícita, tinham praticamente tomado a Provença de assalto e comprado tanta coisa, que tiveram de alugar espaço num armazém em Avignon.

Num aparador da sala de jantar, Noelle tinha disposto com todo o cuidado a louça perfeita. Vinte pratos de porcelana antiga, pintada à mão por um conde desconhecido no século XVIII. Imensos talheres de prata, seis peças para cada lugar. E dúzias de copos para água, vinho e digestivos.

Os copos de vinho eram muitas vezes problemáticos. Era evidente que os antepassados de Noelle não bebiam tanto como os escritores americanos de Bruce, e os copos antigos mal levavam um decilitro quando cheios. Uns anos antes, num jantar algo desregrado, Bruce e os seus convidados tinham ficado frustrados com a necessidade de voltar a encher os elegantes copos de dez em dez minutos. A partir daí, ele insistira em versões mais modernas, em que os copos de vinho tinto levavam quase dois decilitros e meio e os de vinho branco, pouco menos de dois. Noelle, que bebia pouco, tinha acedido e encontrado uma

coleção de copos de pé da Borgonha capazes de impressionar uma equipa de râguebi irlandesa.

Ao lado dos pratos, estava um esquema pormenorizado da forma correta de pôr a mesa que ela preparara três dias antes, quando partira em viagem. Bruce tratou de dispor os individuais de linho, os caminhos de mesa em seda, os candelabros e, por fim, os pratos e os copos. A florista chegou e afadigou-se sobre a mesa enquanto reorganizava as coisas e discutia com Bruce. Quando a mesa ficou perfeita, segundo ela, Bruce tirou uma fotografia e enviou-a a Noelle, que estava algures nos Alpes com o seu outro companheiro. Tinha qualidade de revista e estava pronta para receber doze convidados, embora nos jantares que ele dava o número exato só fosse conhecido quando a comida era servida. Havia sempre umas almas perdidas que se materializavam à última hora e aumentavam a diversão.

Bruce foi buscar outra cerveja ao frigorífico.

6.

Os *cocktails* estavam programados para as seis da tarde. No entanto, os convidados eram um bando de escritores e nenhum se atreveria a chegar antes das sete. Myra Beckwith e Leigh Trane foram as primeiras a aparecer e entraram sem bater. Bruce recebeu-as no alpendre e preparou um rum com água gaseificada para Leigh, servindo a Myra uma cerveja preta.

As senhoras formavam um casal há mais de trinta anos. Enquanto escritoras, tinham lutado muito para pagar as contas até terem descoberto o género do romance cor-de-rosa levemente pornográfico. Lançaram uma centena deles sob uma série de pseudónimos e ganharam dinheiro suficiente para se retirarem para a ilha e viverem numa velha casa pitoresca que ficava ao virar da esquina da de Bruce. Agora, com setenta e tal anos, pouco escreviam. Leigh via-se como uma artista torturada, mas

a sua escrita era impenetrável e os seus romances, os poucos que publicara, quase não se vendiam. Estava sempre a trabalhar num romance, mas nunca a acabar nenhum. Dizia-se envergonhada pelo lixo que tinham publicado, mas apreciava o dinheiro. Myra, por outro lado, orgulhava-se do trabalho de ambas e tinha saudades dos dias de glória em que criavam cenas de sexo escaldantes com piratas e jovens virgens, e enredos quejandos.

Myra era uma mulher grandalhona com o cabelo cortado à escovinha pintado de lilás. Num esforço inútil para esconder alguma da sua corpulência, usava túnicas vistosas e largueironas que serviriam lindamente como colchas para uma cama bem grande. Leigh, por outro lado, era minúscula, com feições morenas e o longo cabelo preto apanhado num carrapito. Ambas adoravam Bruce e Noelle, e os quatro jantavam juntos com frequência.

Myra deu um gole na sua cerveja e perguntou-lhe:

— Já viu a Mercer?

— Sim, almoçámos hoje, juntamente com o Thomas, que é agora o seu guarda-costas.

— É giro? — perguntou Leigh.

— É um tipo bem-parecido, uns anos mais novo do que ela. É um dos seus alunos.

— É assim mesmo, miúda! — exclamou Myra. — Chegou a saber a verdadeira razão para ela ter partido tão de repente, há três anos?

— Nem por isso. Um problema familiar qualquer.

— Bem, posso assegurar-lhe que vamos tirar isso a limpo esta noite.

— Ora, Myra — disse Leigh baixinho. — Não vamos meter o nariz onde não somos chamadas.

— Ai não que não vamos! É o que faço melhor. Gosto de ser mexeriqueira. O Andy vai passar por cá?

— Talvez.

— Gostava de o ver. Ele era muito mais divertido quando se metia nos copos.

— Ora, Myra! Esse é um assunto sensível.

— Se queres saber, não há nada mais enfadonho do que um escritor sóbrio.

— Ele precisa de estar sóbrio, Myra — disse Bruce. — Já tivemos esta conversa.

— E esse tal Nelson Kerr? Acho-o enfadonho até quando não está sóbrio!

— Ora, Myra!

— O Nelson vai cá estar — disse Bruce. — Pensei que ele podia ser um bom parceiro para a Mercer, mas ela está ocupada de momento.

— Quem fez de si um casamenteiro? — troçou Myra, ao mesmo tempo que viam J. Andrew Cobb, ou Bob Cobb como lhe chamavam, a entrar.

Como de costume, trazia calções cor-de-rosa, sandálias e uma camisa garrida com padrão floral. Sem perder tempo, Myra comentou:

— Olá, Bob. Não devia ter-se aperaltado tanto para a ocasião.

E deu-lhe um abraço rápido enquanto Bruce ia ao bar e preparava um *vodka* com água gaseificada.

Cobb era um ex-presidiário que tinha cumprido pena numa prisão federal por crimes que continuavam a ser pouco claros. Escrevia romances policiais que vendiam bem, mas tinham demasiada violência prisional, pelo menos na opinião de Bruce. Abraçou Leigh e disse:

— Olá, minhas senhoras. É sempre um prazer.

— Um bom dia na praia? — perguntou Myra, à procura de sarilhos.

A pele de Cobb era muito morena, com um bronzeado que ele mantinha à custa de muitas horas ao sol. Tinha reputação de ser um velho «rato de praia» que gostava de biquínis e andava sempre à caça. Sorriu para Myra e respondeu:

— Todos os dias na praia são bons, minha querida.

— Que idade tinha ela? — perguntou Myra.

— Ora, Myra! — arrulhou Leigh, enquanto Bruce entregava a bebida a Cobb.

— A suficiente, mas por pouco — disse Cobb, e riu-se.

Amy Slater era a mais nova do grupo e ganhava mais dinheiro do que todos os outros juntos. Saíra-lhe a sorte grande com uma série de histórias sobre jovens vampiros, e até havia um filme na forja. Ela e o marido, Dan, chegaram ao alpendre juntamente com Andy Adam. Jay Arklerood vinha mesmo atrás deles e conseguiu esboçar um raro sorriso durante a troca de cumprimentos. Era um poeta melancólico que se esquivava muitas vezes aos jantares. Myra, a abelha-mestra, não lhe encontrava nenhum préstimo. Bruce foi buscar bebidas, uma água gelada para Andy, e ficou a ouvir as conversas. Amy não parava de falar no filme, embora houvesse problemas com o guião. Dan manteve-se em silêncio ao seu lado. Tinha desistido do emprego e tomava conta dos filhos para ela poder escrever a tempo inteiro.

A festa estava já animada quando Mercer e Thomas fizeram a sua entrada. Ela distribuiu abraços enquanto apresentava o seu novo namorado. O grupo ficou encantado por revê-la e manifestou-se efusivamente em relação ao livro, que a maioria já lera. Enquanto conversavam, Nelson Kerr entrou em cena e preparou uma bebida no bar. Juntou-se ao círculo que se formara à volta de Mercer e Bruce fez as apresentações.

Passados minutos, as conversas seguiram direções diferentes. Andy e Bruce falaram sobre a tempestade. Myra encurralou Thomas e começou a sacar-lhe informação sobre o seu passado. Bob Cobb e Nelson tinham ido à pesca no dia anterior e precisavam de evocar a pescaria. Leigh estava a analisar o romance de Mercer capítulo por capítulo e não se cansava de falar da história. Seguiu-se uma segunda rodada e ninguém estava com pressa de se sentar para jantar.

O último convidado a chegar foi Nick Sutton, um universitário que passava os verões na ilha a tomar conta de uma bela casa, propriedade dos seus avós, os quais, de acordo com o seu

ritual anual, tinham fugido ao calor da Florida e estavam a viajar pelo país numa autocaravana. Nick trabalhava na livraria e, quando não estava de serviço, surfava, velejava e procurava raparigas. Lia pelo menos um policial por dia e sonhava em escrever *bestsellers*. Bruce já lera os seus contos e achava que o miúdo tinha talento. Nick pressionara-o imenso para receber um convite para o jantar e sentia-se assoberbado por ter sido incluído.

Às sete e meia, o *chef* Claude informou Bruce que estava na hora de comer. Andy segredou qualquer coisa ao anfitrião e foi-se embora sem dizer palavra. A sobriedade já era suficientemente difícil durante as noites sem álcool. Não se sentia tentado a beber, mas a última coisa que queria era um jantar de três horas com vinho a rodos.

Bruce indicou as respetivas cadeiras aos seus convidados. Depois ocupou um topo da mesa e Mercer, a convidada de honra, o outro, com Thomas à sua direita. Eram onze ao todo, a máfia literária de Camino Island mais Nick Sutton. Bruce transmitiu-lhes lembranças da parte de Noelle, que detestava estar a perder a festa, mas estava com eles em espírito. Toda a gente sabia que ela estava na Europa com o seu namorado francês e ninguém se surpreendera com isso. Há muito que tinham aceitado o casamento aberto entre Bruce e Noelle, e ninguém queria saber disso para nada. Se eles estavam felizes, não seriam os amigos a questionar o acordo.

Bruce nunca gostara de ter empregados de mesa pagos à hora a pairar à volta da mesa e a ouvir as conversas, e por isso não os usava. Ele e Claude serviram o vinho e a água, bem como a primeira entrada: uma pequena tigela de *gumbo* picante.

— Está demasiado picante para *gumbo* — resmungou Myra, sentada a meio da mesa. — Vou ficar ensopada em suor.

— O vinho fresco ajuda sempre — ripostou Bruce.

— Qual é o prato principal? — perguntou ela.

— É tudo picante.

— Então, Mercer — interveio Bob Cobb —, última paragem da digressão, certo? E, já agora, adorei o livro!

— Obrigada — disse ela. — Sim, é a última paragem.

— De costa a costa?

— Sim, trinta e três paragens. Amanhã, é a trigésima quarta.

— Vai ter imensa gente amanhã, Mercer — disse Amy. — Há muitos habitantes locais que se lembram da sua avó e têm muito orgulho em si.

— Eu conhecia a Tessa — disse Bruce. — Mas, olhando à volta desta mesa, creio que nenhum de vocês morava na ilha quando ela morreu. Foi há quanto tempo, Mercer? Doze anos?

— Catorze.

— Nós mudámo-nos para aqui há treze anos — disse Myra —, para fugir de um monte de escritores. Vejam só o que aconteceu. Toda a gente veio atrás de nós.

— E eu creio que fui o próximo, há cerca de dez anos, logo depois de sair em liberdade condicional — disse Bob.

— Por favor, Bob — ripostou Myra. — Chega de histórias de prisões. Depois do seu último livro, senti-me como se tivesse sido vítima de uma violação de grupo.

— Ora, Myra!

— Então, gostou? — perguntou Bob.

— Adorei.

— Bem — disse Bruce em voz bem alta. — Gostaria de propor um brinde. Em primeiro lugar, ao senhor *Leo*. Que ele se mantenha no mar e desapareça de uma vez por todas. E a seguir, e acima de tudo, à nossa querida amiga Mercer e ao seu maravilhoso novo livro, número cinco na lista dos mais vendidos e a subir. Saúde!

Bateram os copos uns nos outros e beberam um gole.

— Tenho uma pergunta, Mercer — disse Leigh. — A sua avó, a verdadeira Tessa, teve mesmo um romance tórrido com um homem mais novo, aqui na ilha?

— Essa foi a melhor parte — interrompeu Myra rapidamente. — Essa primeira cena de sedução deixou-me com água na boca. Bom trabalho, miúda!

— Obrigada, Myra — disse Mercer. — Vindo de si, é um elogio e tanto.

— De nada. É claro que eu teria ido muito mais longe.

— Ora, Myra!

— Mas sim — continuou Mercer —, quando tive idade suficiente para compreender o que se passava, desconfiei que a Tessa passava muito tempo com o tal homem mais novo quando eu não estava por perto.

— E esse homem chamava-se Porter na vida real? — perguntou Leigh.

— Sim. O Porter viveu aqui durante muitos anos. Há catorze anos, morreram os dois juntos numa tempestade.

— Lembro-me do Porter e da tempestade — disse Bruce. — Foi uma das piores que vimos na ilha. Pouco faltou para ser um furacão.

— Quem é que está a falar de furacões? — perguntou Amy.

— Desculpem. Fomos atingidos muitas vezes de raspão, mas nunca houve nenhuma situação terrível. A tempestade que apanhou a Tessa e o Porter foi provocada por uma massa de ar quente à moda antiga que veio do Norte sem aviso.

— E onde estava a Tessa? — perguntou Amy. — Peço desculpa, Mercer, mas se não quiser falar sobre isso…

— Não, não há problema. A Tessa e o Porter não se tinham afastado muito da costa, desfrutavam apenas de mais um ocioso dia de verão no veleiro dele. O Porter e o barco nunca mais voltaram a ser vistos. A Tessa foi encontrada na rebentação, perto do Molhe Norte, dois dias mais tarde.

— Bem — disse Myra —, ainda bem que não a matou no seu romance. Eu tê-lo-ia feito, certamente.

— Tu matavas toda a gente, Myra — atalhou Leigh. — Depois de os fazeres passar pelos meandros do sexo.

— O homicídio vende quase tanto como o sexo, Leigh. Lembra-te disso sempre que chegarem os cheques dos direitos de autor.

— E agora? O que se segue, Mercer? — perguntou Bob Cobb.

Ela sorriu para Thomas e respondeu:

— Descansar durante duas semanas, embora o Thomas e o Bruce já me andem a pressionar para começar outro romance.

— Preciso de alguma coisa que venda — disse Bruce.

— Eu também — acrescentou Leigh, na brincadeira.

Jay, o poeta melancólico, disse:

— O meu último livro vendeu vinte exemplares. Ninguém lê poesia.

Como sempre, foi um esforço desajeitado para ter graça, que logrou uma ou duas risadas simpáticas.

Myra quase deixou escapar algo como: «E também ninguém *consegue* ler a porcaria que escreves.» Mas, em vez disso, replicou:

— Já uma vez lhe disse, Jay. Devia escrever ficção libidinosa sob pseudónimo, ganhar algum dinheiro, como o Bob, e fazer essa coisa dos poemazinhos como o seu verdadeiro eu. Embora continuasse sem vender…

Bruce já tinha visto esta conversa descarrilar, pelo que interveio rapidamente:

— Podemos fazer um brinde ao novo contrato, Mercer?

Ela sorriu.

— Oh, porque não? É difícil guardar segredos por aqui.

— Um novo contrato para dois livros com a Viking, firmado esta manhã — informou Bruce.

Eles aplaudiram e revezaram-se a felicitar Mercer enquanto Claude levantava as tigelas. Depois deitou mais vinho nos copos, um Chablis fresco, e começou a servir o próximo prato, uma pequena travessa de ostras fumadas. Levantou-se uma brisa vinda de leste, agitando ao de leve o ar abafado.

Nas suas idas e vindas da cozinha, Claude não perdia de vista o pequeno televisor perto do fogão. *Leo* continuava a andar por ali à deriva, irrequieto, a desconcertar os especialistas e sem destino aparente.